

## ESTRATÉGIAS DE ADEQUAÇÃO ESTRUTURAL NO *TWITTER*: AJUSTES HIPERTEXTUAIS AO LIMITE DE 280 CARACTERES\*

Ana Claudia Oliveira Azevedo (FAPESB/PPGLin/UESB)

Márcia Helena de Melo Pereira (PPGLin/DELL/UESB)

Filipe Santos Guerra (CAPES/PPGLin/UESB)<sup>1</sup>

**Resumo:** A comunicação humana, nos variados campos da atividade, dá-se sempre por meio de determinado gênero do discurso, caracterizado, segundo Bakhtin (2011), pelo seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Com base no postulado de que o advento e popularização da internet causaram o surgimento de novos gêneros, considera-se, nesse artigo, o *tweet* como um gênero que emergiu e se popularizou nos últimos anos. Os *tweets* são compostos por conteúdo temático e estilo variáveis, que dependem do perfil do usuário que o escreve, e por uma estrutura que determina o limite de 280 caracteres. Considerando essa delimitação, o objetivo desse artigo é investigar as estratégias de (hiper)textualização utilizadas nos *tweets* para adequação ao limite de 280 caracteres imposto pelo *Twitter*. Para isso, foram examinados *tweets* de diferentes perfis, com propósitos comunicativos diversos, coletados por meio de capturas de tela. A análise dos *tweets* mostrou que alguns recursos usados para adequação ao limite de caracteres são a adição de *link* ao *tweet*, a divisão da informação em vários *tweets* — *thread* — e a incorporação de imagens contendo texto escrito. Dessa forma, concluímos que os usuários do *Twitter* dispõem de diferentes possibilidades de adequação de seu (hiper)texto aos 280 caracteres, graças aos recursos hipertextuais oferecidos pelo suporte.

**Palavras-chave:** adequação estrutural; hipertexto; limite de caracteres; *tweet*; *twitter*.

### 1. Introdução

Os gêneros do discurso são, segundo Bakhtin (2011), essenciais à comunicação humana, em qualquer campo da atividade. Com a cultura eletrônica e o surgimento de um novo modo de produção e recepção textual — o hipertexto —, novos gêneros emergiram. Esses gêneros, chamados de gêneros digitais, apresentam particularidades no que diz respeito ao conteúdo temático, estilo e construção composicional, os três pilares que, para Bakhtin (2011) caracterizam os gêneros.

Nesse trabalho, lançamos nosso olhar para um gênero específico: o *tweet*, texto de 280 caracteres materializado na rede social *Twitter*, que funciona como um suporte para que esse texto seja concretizado. Ou seja, um texto nesse gênero não pode conter mais de 280 elementos tipográficos, o que inclui letras, sinais de pontuação, espaços, *emojis*, entre outros elementos que podem constituir o *tweet*. Nesse artigo, considerando que o limite de caracteres representa uma particularidade na estrutura do *tweet*, tivemos como objetivo investigar as estratégias de (hiper)textualização utilizadas nos *tweets* para adequação ao limite de 280 caracteres imposto pelo *Twitter*. Para isso, buscamos identificar de que forma os usuários utilizam os diferentes recursos de (hiper)textualização ofertados pelo suporte *Twitter* para se adequarem às suas limitações estruturais e, assim, cumprirem seu(s) propósito(s) comunicativo(s).

A fim de alcançar esse objetivo, na seção dedicada à fundamentação teórica, discutimos o conceito de gênero do discurso, cunhado por Bakhtin (2011), e suas

---

\* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.

<sup>1</sup> Agradecemos à FAPESB e à CAPES pelo financiamento da pesquisa, que ocorreu por meio de bolsas de fomento aos discentes pesquisadores. O conteúdo deste trabalho é produto do amparo dessas instituições.

considerações acerca dos três pilares que constituem o gênero: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Discorremos, também, sobre os conceitos de suporte (Marcuschi, 2008) e hipertexto (Xavier, 2002; 2009), que nos ajudam a definir o *Twitter* como suporte para o gênero *tweet*, considerando as possibilidades hipertextuais que oferecidas por ele. Após exposição da base teórica, expomos, brevemente, a metodologia de seleção de perfis do *Twitter* e coleta de *corpus*, que se deu, basicamente, pela captura de tela dos *tweets* de três perfis verificados. Em seguida, apresentamos a análise dos dados, seguida pelas considerações finais e referências.

## 2. Pressupostos teóricos

De acordo com o teórico russo Mikhail Bakhtin (2011), todo uso linguístico, em qualquer esfera da comunicação, se manifesta em algum gênero do discurso. O autor define gêneros do discurso como *tipos relativamente estáveis* de enunciados, que ocorrem nos diferentes campos da comunicação humana. Para Bakhtin (2011, p. 261), “esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo”, por meio de seu conteúdo (temático), estilo da linguagem e de sua construção composicional. Ou seja, qualquer gênero do discurso é caracterizado por esses três pilares, os quais serão definidos a seguir.

O conteúdo temático de um dado enunciado consiste na relação valorativa que o falante/escrevente mantém com o elemento semântico-objetal — o assunto — do enunciado. Essa unidade é responsável por determinar seu estilo e sua composição. O estilo corresponde aos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais que o autor utiliza para cumprir com sua intenção discursiva dentro de determinado gênero. Bakhtin (2011) ressalta que todo enunciado pode, ainda, refletir o estilo individual do falante, desde que o gênero seja propício a isso. Já a construção composicional consiste no acabamento do enunciado, isto é, basicamente, em sua estrutura/forma. Esses três pilares são indissociáveis e imprescindíveis para a formação de um gênero do discurso.

Acrescentamos, consoante Marcuschi (2011), que novos gêneros têm sido criados ao longo do tempo, principalmente após o surgimento da chamada cultura eletrônica e, mais especificamente, da internet. Os gêneros emergentes, conforme o linguista, apresentam certo hibridismo entre oralidade e escrita, além de uma “maior integração entre os vários tipos de semioses” (MARCUSCHI, 2010, p. 21). Dentre esses gêneros, destacamos o *tweet*, produzido na rede social *Twitter*.

Na caracterização do *tweet* enquanto gênero, Barth e Freitas (2015) ressaltam que ele apresenta estilo e conteúdo temático variáveis, os quais dependem dos propósitos comunicativos e do perfil do usuário. No entanto, algo comum a todos os *tweets* é a limitação estrutural — na época, de 140 caracteres. Hoje, mesmo que essa quantidade de caracteres tenha dobrado, muitas vezes, esse espaço é curto para apresentar uma informação mais completa; por isso, é necessário que os usuários lancem mão de estratégias diversas para dar conta de manifestar sua intenção discursiva dentro dos 280 caracteres permitidos pelo gênero.

Para o estudo dos gêneros, é necessário levar em consideração, ainda, o suporte em que eles se materializam, uma vez que a relação entre suporte de gênero é imprescindível para a definição e caracterização deste. Marcuschi (2008, p. 174) conceitua suporte como “um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”, ou seja, sem um suporte que o fixe, o gênero não pode se concretizar em forma de texto.

De acordo com Marcuschi (2008), existem dois tipos de suporte: convencionais — previamente elaborados para funcionar como portadores de textos — e incidentais — quando operam ocasionalmente como suporte. Em nosso estudo, com base em Barth e Freitas (2015),

consideramos o *Twitter* como um suporte convencional para textos do gênero *tweet*, visto que é um espaço digital que permite a materialização/fixação de textos nesse gênero. Nesse sentido, destacamos que as estratégias para adequação ao limite de 280 caracteres precisam ser possibilitadas pelo suporte *Twitter*.

Ressaltamos, ainda, que o *tweet* se configura com um hipertexto, isto é, como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2010. p. 208). Ou seja, o hipertexto é um modo de linguagem flexível, no qual, de acordo com Xavier (2010), a compreensão dos sentidos não se dá apenas por palavras, mas por sons, gráficos e diagramas, todos em uma mesma superfície, juntos, e de onde os sentidos são disponibilizados aos usuários da navegação. São esses fatores que dão ao hipertexto o status de forma híbrida e dinâmica de linguagem.

Além disso, considerando que os gêneros do discurso se desenvolvem à medida em que o ambiente em que ele circula se modifica, pode-se observar que os *tweets* foram evoluindo ao longo dos anos, por conta de mudanças feitas no suporte *Twitter*. As mudanças incluem a ampliação da quantidade de caracteres — em novembro de 2017, o limite de caracteres dos *tweets* aumentou de 140 para 280 —, a adição de recursos para anexar foto, vídeo ou *GIF* no próprio *tweet* — sem precisar utilizar outros sites para isso —, além de outras atualizações feitas de acordo com as demandas dos usuários, como a criação dos botões de *retweet* e *retweet* comentado.

### 3. Aspectos metodológicos

A seleção de *tweets* para análise<sup>2</sup> se deu a partir da escolha de textos publicados por três usuários verificados<sup>3</sup> pelo *Twitter*. O primeiro usuário observado foi o @folha, perfil jornalístico oficial do jornal Folha de São Paulo, com mais de 7,5 milhões de seguidores. O segundo usuário selecionado foi o @textoscruéis, projeto “textos cruéis demais para serem lidos rapidamente”, que começou na internet e, depois, virou livro; tem 1,7 milhões de seguidores. O último perfil foi o @NetflixBrasil, conta oficial do serviço de *streaming* Netflix no Brasil, com 10 milhões de seguidores. A escolha dos *tweets*, coletados por meio de capturas de tela, deu-se a partir da observação de publicações desses perfis que apresentassem estratégias de adequação aos 280 caracteres, sobre as quais discorreremos na seção a seguir.

### 4. Resultados e discussão

Nessa seção, expomos os resultados e discussão das observações de *tweets* publicados pelos perfis @folha, @textoscruéis e @NetflixBrasil, ressaltando as estratégias de hipertextualização utilizadas por cada um deles para ajustar sua intenção discursiva ao limite de 280 caracteres estabelecido pelo Twitter.

Apresentamos, na figura 1, um *tweet* publicado pelo “Folha de S. Paulo”, que, por ser um perfil jornalístico, possui como propósito noticiar fatos e informações acerca de assuntos que permeiam a sociedade. Vejamos:

<sup>2</sup> O *corpus* desse artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2018-2019. O projeto “Gêneros (hiper)textuais no *Twitter*: um estudo do(s) *tweet*(s)”, financiado pela Fapesb, teve como objetivo a caracterização do gênero *tweet*, a partir da investigação de diversas publicações feitas no *Twitter*, por diferentes usuários. Por uma questão de delimitação de espaço, selecionamos três *tweets* do *corpus* para análise.

<sup>3</sup> Segundo a Central de Ajuda do *Twitter*, “uma conta poderá ser verificada se for determinado que ela é de interesse público. Normalmente, verificamos contas de usuários nas áreas de música, teatro/cinema/TV, moda, governo, política, religião, jornalismo, mídia, esportes e negócios, entre outras”. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/managing-your-account/about-twitter-verified-accounts>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

Figura 1 — *tweet* do perfil @folha



Fonte: *Twitter*<sup>4</sup>.

Na captura de tela acima, apresentamos um *tweet* publicado pelo usuário “Folha de São Paulo”, no dia 11 de junho de 2019, o qual informa que o cantor Luan Santana não estaria entre os participantes da gravação do DVD da cantora Paula Fernandes, no dia anterior. No *tweet*, menciona-se, entre aspas, que os cantores não estariam “juntos e shallow now”, expressão que remete a um trecho da música “Juntos”, cantada pelos sertanejos Paula Fernandes e Luan Santana, versão brasileira da canção “Shallow”, interpretada por Lady Gaga e Bradley Cooper. Essa versão da música, após seu lançamento, em maio de 2019, deu origem a centenas de memes e comentários a respeito do trecho “juntos e shallow now”, o que foi retomado pelo perfil oficial do Jornal Folha de São Paulo na apresentação de sua notícia.

Como no exemplo acima, em grande parte, os *tweets* do Folha de São Paulo são produzidos como uma espécie de manchete, seguida de um *link* — que leva o leitor a acessar a notícia ou reportagem por completo, no site oficial do jornal “Folha de São Paulo” — e, ainda, de uma imagem relacionada à notícia. Geralmente, os *links* publicados nos *tweets* são incorporados pelo suporte, que faz com que uma prévia do conteúdo contido no *link* seja exibida, no entanto, isso não ocorre na figura 1 por conta do uso da imagem, visto que o suporte *Twitter* não permite a indexação de duas mídias diferentes ao mesmo tempo; assim, o *link* aparece de forma mais “simples”, ao passo que a imagem ganha destaque no *tweet*, por ocupar mais espaço.

A utilização do *link* nesse *tweet* constitui uma estratégia de adequação da estrutura da notícia ao suporte *Twitter*, que apresenta limitações, tais como o uso de até 280 caracteres, a

<sup>4</sup> Disponível em: <https://Twitter.com/folha/status/1138557639326126080>. Acesso em 20/06/2019.

impossibilidade de formatar a fonte do texto e de apresentar elementos verbais escritos + imagem + elementos verbais escritos novamente — uma vez que, nos *tweets*, todas as mídias aparecem na parte inferior, após todo o texto escrito. Por isso, considerando que o suporte *Twitter* não possibilita a publicação da notícia completa, a alternativa de adequação à limitação de caracteres adotada pelo perfil @folha é o uso do *link*, que direciona ao site do jornal, no qual a notícia integral está publicada.

Observemos, agora, um *tweet* de outro usuário @textoscruéis, perfil do projeto “textos cruéis demais para serem lidos rapidamente”, que começou com a postagem de textos na internet, e, posteriormente, passou a publicar livros de poesia:

Figura 2 — *tweet* do perfil @textoscruéis.

**textos cruéis demais** ✓  
@textoscruéis

algumas pessoas vão embora porque precisam. porque cumpriram seu propósito na nossa vida. porque o mundo está cheio dessas despedidas bonitas que fazem das nossas historias capítulos nem tão tristes assim. afinal, nem todos os amores foram feitos pra durar.

e tudo bem.

**nem todos os amores foram feitos pra durar.**  
*textos cruéis demais para serem lidos rapidamente*

de viver outro momento diferente do seu. pras escolhas que ele fará e que infelizmente não terá você. e isso nada diz sobre ele te amar menos ou te querer menos.

é só que acontece, vez ou outra, de não ser naquela hora. de não acontecer do jeito que você espera.

amar alguém é também sobre saber que pode não durar pra sempre. que pode durar.

bom, incrível, e te impulsionar pra outros relacionamentos, inclusive consigo mesma, agora totalmente consciente das possibilidades.

e então, talvez, ressignificar que nem tudo é perda. que por vezes é ganho: de tempo, de relação, de espaço. porque ele te ensinou tantas coisas. e você teve a oportunidade de ensiná-lo também. relação é sobre troca não importa se em um dia ou em um ano, e trocar é aprender a receber o que o outro tem pra te entregar, e, assim, entregar também. pra entender que quem sabe no depois ele possa retornar e vocês, juntos, começarem tudo de novo.

a gente precisa agradecer àqueles amores que passaram pela nossa vida, nos modificaram, transformaram nossa visão sobre as coisas e foram embora.

se foram porque precisavam. porque cumpriram seu propósito. porque o mundo está cheio dessas despedidas bonitas que fazem das nossas histórias capítulos nem tão tristes assim. afinal, nem todos os amores foram feitos pra durar.

e tudo bem.

7:56 PM · 7 de ago de 2019 · Twitter for iPhone

3,4 mil Retweets e comentários 7,4 mil Curtidas

Fonte: *Twitter*<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://Twitter.com/textoscruéis/status/1159237017168961537>. Acesso em: 06/08/2020.

O *tweet* da figura 2, acima, é composto por palavras, que ocupam 269 caracteres, e, ainda, por quatro imagens, quantidade máxima de mídias permitida pelo *Twitter*. Essas imagens contêm um texto literário, escrito pelo autor do perfil, que está dividido nas quatro imagens: a primeira apresenta o título do poema — “nem todos os amores foram feitos pra durar” —, seguido pela autoria, em itálico — “*textos cruéis demais para serem lidos rapidamente*”, ao passo que as outras três imagens apresentam o desenvolvimento do texto, também seguido pela autoria, em itálico, na parte de baixo da imagem. A parte escrita do *tweet* apresenta o mesmo conteúdo temático do texto apresentado nas imagens, porém, de forma sintetizada, o que nos leva a supor que seria uma espécie de legenda para o texto poético apresentado nas imagens.

Constatamos, no *tweet* da figura 2, que toda a informação — nesse caso, o texto literário — é contida em um único *tweet*, visto que a estratégia usada pelo usuário @textoscruéis para se adequar ao limite de caracteres é o anexo de imagens contendo um texto escrito. Com isso, não direciona o leitor para outro site, como a figura 1, nem para outro *tweet*, como ocorre na figura 3, conforme veremos adiante.

Na figura 3, a seguir, apresentamos dois *tweets* do usuário @NetflixBrasil, que utiliza um *thread* com a finalidade de divulgar produções disponíveis para assistir em seu catálogo. Vejamos:



Figura 3 — *tweet* do perfil @NetflixBrasil.



Fonte: *Twitter*.<sup>6</sup>

No *tweet* da figura 3 e em uma de suas respostas, logo abaixo, o usuário @NetflixBrasil apresenta um *thread*, que consiste em uma sequência de *tweets*, por meio dos quais a informação é “dividida”. Essa sequência é ligada por um “fio” vertical, que aparece no lado esquerdo dos *tweets*, como podemos ver na figura 3, acima, que contém o primeiro e o

<sup>6</sup> Disponível em: <https://Twitter.com/NetflixBrasil/status/1159557032682360832>. Acesso em: 06/08/2020.

segundo *tweet* pertencentes ao *thread* publicado pelo perfil da Netflix no Brasil. O primeiro *tweet*, formado por 274 caracteres, apresenta a proposta do *thread*, qual seja, demonstrar para as pessoas que a internet pode ser um ambiente “perigoso”, o que pode ser comprovado por produções que fazem parte do catálogo do serviço de *streaming*. Com isso, propõe apresentar algumas obras relacionadas à temática, o que é feito no segundo *tweet* do *thread*, que, por sua vez, é composto por 246 caracteres e divulga um documentário disponível na Netflix: Privacidade Hackeada, que aborda o uso de dados dos usuários da internet pela empresa *Cambridge Analytica*. Ressaltamos que, nesse *thread*, o perfil @NetflixBrasil apresenta, ainda, outras obras audiovisuais de seu catálogo que tematizam essa questão, porém, por conta do espaço disponível nesse artigo, apresentamos somente uma, a título de ilustração.

Averiguamos que a segmentação de informações realizada por meio do *thread* é mais uma estratégia de adequação aos limites estruturais do *tweet*. Portanto, considerando que o *Twitter* não permite que as publicações ultrapassem 280 caracteres, o usuário @NetflixBrasil faz uso desse recurso, a fim de apresentar seu conteúdo temático de forma completa, embora não no mesmo *tweet*, como o faz o perfil @textoscrueis na figura 2.

## 5. Conclusão

O objetivo desse artigo foi investigar as estratégias de (hiper)textualização utilizadas nos *tweets* para adequação ao limite de 280 caracteres imposto pelo *Twitter*. A análise de alguns *tweets* demonstrou que o aumento no número de caracteres do *Twitter* — de 140 para 280 — possibilita uma maior possibilidade de expressão do usuário, mas nem sempre é suficiente. Então, quando os 280 caracteres não são o bastante para que o falante execute sua intenção discursiva, os usuários lançam mão de diferentes recursos, dentre os quais destacamos o uso de *links*, de imagens que contêm textos escritos e de *threads*. Isso ocorre graças aos elementos hipertextuais disponibilizados pelo suporte *Twitter*, que permite, além da ligação sequencial de um *tweet* a outro, a inserção de *links*, imagens, entre outras mídias. Assim, concluímos que os usuários da rede social *Twitter* conseguem se adequar à limitação de caracteres por meio de diferentes estratégias hipertextuais, o que demonstra a importância das múltiplas semioses para a construção dos textos digitais.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARTH, Pedro Afonso; FREITAS, Ernani César. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no *Twitter*. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. Vitória, v. 9, n. 12, p. 8-26, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/8888>. Acesso em 02 ago. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte de gêneros textuais. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 173-186.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (Orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas e construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 207-220.